

## **JORNAL: UMA POSSIBILIDADE DE LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

MARJA MILENE BELEGANTE COSTA (CEI EMILIA PISKE).

### **Resumo**

O presente trabalho trata de uma reflexão teórica e prática acerca do letramento/alfabetização na infância, utilizando como metodologia a sequência didática. O público envolvido nesta pesquisa foram doze crianças, entre cinco e seis anos, do Centro de Educação Infantil Emília Piske da Rede Pública Municipal de Ensino, na cidade de Blumenau. O objetivo da pesquisa é discutir quais as implicações do letramento/alfabetização na Educação Infantil, utilizando um planejamento baseado em uma sequência didática, focando o gênero capa do jornal. A partir da divulgação da lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em que as crianças de seis anos devem ser matriculadas na escola tem surgido muitas dúvidas quanto ao trabalho pedagógico, tanto para as crianças de cinco e seis anos que permanecem na Educação Infantil, quanto para as crianças de seis anos que ingressam no Ensino Fundamental. Desta forma, percebe-se a necessidade de aprofundar os conceitos referentes ao letramento/alfabetização. Para tanto, foram desenvolvidos estudos teóricos com base em Soares (2000 e 2001), Scheuwly e Dolz (2004), Sarmento; Cerisara et al. (2004) e Vygotsky (1984 e 1998). O processo metodológico para a coleta de dados deu-se a partir do planejamento da sequência didática, tendo como foco o gênero capa de jornal. O recurso utilizado foi a filmagem e a transcrição da mesma, permitindo uma análise mais detalhada de dados. Os resultados da pesquisa apontam a sequência didática como uma metodologia apropriada para trabalhar as questões de letramento com gêneros orais ou escrito, neste caso o jornal, que possibilita inserir as crianças nas práticas sociais de leitura e escrita, na Educação Infantil.

### **Palavras-chave:**

Educação Infantil, Letramento, Sequência didática.

O presente trabalho trata de uma reflexão teórica e prática acerca do letramento/alfabetização na infância, utilizando como metodologia a sequência didática. O público envolvido nesta pesquisa foram doze crianças, entre cinco e seis anos, do Centro de Educação Infantil Emília Piske da Rede Pública Municipal de Ensino, na cidade de Blumenau.

Com vistas a uma concepção de Educação Infantil é importante pensar sobre concepção de infância que respeite a criança. Embora sempre tenham existido crianças, "Seres biológicos de geração jovem" (Sarmento 2004: 9); o conceito infância se constituiu historicamente, e pode-se dizer que hoje não existe apenas uma infância, mas várias infâncias, dependendo do momento político, social, econômico e cultural, vivenciados pelas crianças.

Desta forma, é importante pensar na capacidade das crianças, pois são sujeitos pensantes, ativos, inventivos, que produzem cultura e mudanças no ambiente em que vivem. É importante que os professores saibam valorizar este modo de ser, dando espaço para que as crianças possam pesquisar e desvendar suas curiosidades e expressar suas impressões sobre este mundo que as cerca.

Respeitar as crianças, como sujeitos de direito, significa planejar o tempo e espaço, deixando de lado práticas escolarizantes, na ótica do adulto/professor, em que todos fazem as mesmas coisas ao mesmo tempo. Buscar a ótica das crianças é

fundamental, pois são seres heterogêneos, muitas vezes imprevisíveis, sempre muito ativas, em busca do novo.

A ampliação do Ensino Fundamental para nove anos traz muitas dúvidas quanto ao trabalho pedagógico, tanto para as crianças de cinco e seis anos que permanecem na Educação Infantil, quanto para as crianças de seis anos que ingressam no Ensino Fundamental. Desta forma, percebe-se a necessidade de aprofundar os conceitos referentes ao letramento/alfabetização, para o desenvolvimento das crianças, mas que respeitem a infância.

Neste sentido, busca-se descobrir como acontece o letramento que Soares define como: "Resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita." (Soares 2001: 20). Portanto, ser letrado significa usar socialmente a leitura e a escrita.

O trabalho com letramento amplia o contato com a criança com diversos suportes e gêneros discursivos/textuais, em que a mesma compreende sua função social, ampliando suas experiências com a linguagem oral e escrita. A criança, diante das situações vivenciadas consegue se expressar com clareza e criticamente, pois, por meio da leitura, ela pode ir em busca de suas indagações, curiosidades, problemas, reflexões, concordando ou não com o que leu, desenvolvendo seu espírito crítico, compreendendo a si mesma e o mundo em que vive.

Desde que nasce todo indivíduo está em contato com o mundo letrado, cercado de imagens e textos, sejam em outdoors, panfletos, livros, revistas, jornais, gibis, receitas, músicas, nas ruas, ou em casa. Estas experiências de leitura de mundo, práticas de leitura e escrita estão presentes e são vivenciadas no cotidiano. Diante das práticas de letramento cada vez mais exigentes, é uma ilusão pensar que apenas a alfabetização, conceito específico que diz respeito à aprendizagem do sistema alfabético é suficiente, pois, antecipar o ensino do código escrito de forma tecnicista não garante a compreensão dos significados produzidos culturalmente. Segundo (Britto, 2005):

Na primeira infância, ler com os ouvidos é mais fundamental que ler com os olhos. Ao ler com os ouvidos a criança não apenas se insere na interlocução com o discurso escrito organizado numa sintaxe, num léxico e numa prosódia diferentes, como passa a compreender as modulações de vida que se enunciam num texto escrito. Ela experimenta a voz escrita. (p. XV).

Faz-se necessário um trabalho sistemático, oportunizando experiências com diferentes textos, a fim de ultrapassar as formas de produções oral utilizadas no cotidiano para novas produções institucionalizadas. Fala-se ou escreve-se de maneira diferente em situações diferentes, porque cada situação exige um tipo de comunicação. (Dolz; Schneuwly; Haller 2004:171). Os autores mencionam que "a ação de falar realiza-se com a ajuda de um gênero, que é um instrumento para agir linguisticamente", que possibilita a comunicação.

Uma metodologia que pode ser utilizada para realizar este trabalho é a seqüência didática, que "é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito". (Dolz, Noverraz, Scheuwly, 2004: 97).

Nesta pesquisa foi organizada uma seqüência didática utilizando o gênero capa de jornal, que serve como índice, pois apresenta características estáveis como o nome do jornal, a data de publicação, imagens e manchetes que, geralmente, trazem consigo o número de página ou o nome do caderno. Pela leitura da capa do jornal,

a criança pode ter uma noção geral dos temas abordados, tanto pelas manchetes como pelas imagens.

arquivo anexo1: Esquema da seqüência didática

Fonte: adaptado de Dolz; Noverraz e Schneuwly (2004, p. 98).

Na apresentação da situação foi proposto às crianças a construção da capa de jornal, referente ao projeto brinquedos e brincadeiras e a apresentação das notícias oralmente. As pesquisadoras organizaram o planejamento da produção inicial, partindo da comparação da capa do livro de literatura com a capa do jornal, pois as crianças já têm um conhecimento prévio do livro de literatura infantil, devido ao trabalho que é realizado nesta Instituição.

Ao serem questionadas sobre o que compõem a capa do livro, uma das crianças comenta que na capa tem o nome: "F - **da história**; F - (...) **tem que lê tudo o que tem na capa**; P2 - E o que é tudo que tem na capa?; F - **o nome da pessoa que escreveu o livro**".

As crianças sabem que na capa dos livros tem o nome da editora, escritor, ilustrador e imagens. Entretanto, ainda não havia um trabalho sistemático com o jornal, mas pelas observações começaram a comparar os dois gêneros.

Ao serem indagadas sobre o que compõe a capa do jornal, a criança J respondeu "*coisa diferente*" e a criança A acrescentou "*tem político*". As imagens dos livros de literatura infantil não trazem as fotografias de políticos, que são imagens que circulam na sociedade, o que ficou bastante claro para as crianças como um diferencial. As crianças mencionaram, também, outras imagens que visualizaram na capa do jornal como "*avião, político, carro, pessoas*" e compararam o jornal com um outro gênero, o televisivo.

Leal; Albuquerque; Morais (2006) apontam que as crianças que vivem em um ambiente rico em leitura e escrita, começam desde cedo a refletir sobre as características dos diferentes textos que circulam ao seu redor, sobre seus estilos, usos e finalidades.

No decorrer da conversa, a criança A trouxe alguns comentários importantes para reflexão sobre as questões de letramento: "**a minha vó tem um monte de jornal em casa. (...) a minha vó, meu vô que traz do trabalho dele pra vó (...) ela vê depois dá pro coelho, pra casinha dele (...) todo dia, todo dia tem essas letras porque eu pego o jornal, pra levar pro coelho**".

O letramento inicia desde o nascimento da criança por intermédio da cultura escrita que a rodeia. Quando a criança A, de cinco anos ao levar o jornal para o coelho, percebe que todos os dias se repetem as mesmas letras na capa do jornal, fez esta constatação sem a intervenção do adulto, mas pelo fato de ter o jornal em casa, estando este ao seu acesso. A criança não sabia do que se tratavam as tais letras, mas observou que eram sempre iguais. Em seguida, uma outra criança mencionou: "**quando eu vejo aqui começa com "J" ... todo dia**".

Esta criança reflete, questionando-se acerca do significado destas letras (nome do jornal: Jornal De Santa Catarina). Neste sentido, as crianças: "Nesse processo vão também conhecendo e reconhecendo o sistema de escrita diferenciando de outros sistemas gráficos (de sistemas icônicos, por exemplo), descobrindo o sistema alfabético, o sistema ortográfico." (Soares, 2000: 3)

Com a mediação das professoras, a partir do primeiro módulo, foi questionado às crianças o sentido daquelas letras que se repetem, diariamente, no jornal e que começa com a letra "J", conforme mencionado anteriormente. A criança A mencionou "**jornal**", mas foi questionada pela criança F que disse "**é pouca letra (...) não é tanto assim**". Esta criança observou que havia muitas letras para estar escrito apenas a palavra jornal. Diante destas discussões, as pesquisadoras confirmaram que realmente estava escrito jornal, mas que havia algo mais, que se tratava do nome do jornal.

Ao lerem com os ouvidos[1] compreenderam que assim como os livros têm um nome, o jornal também tem, que aquelas letras sempre se repetem e além de um significado, possuem um conteúdo que está em um contexto específico, a capa do jornal. Estas observações são possíveis, pois o gênero é algo estável, e como tal, a capa do jornal possui componentes específicos que sempre se repetem, facilitando o olhar e a compreensão das crianças.

Outro aspecto relevante para ser abordado referente à imagem que compõe a capa do jornal, é que na leitura da mesma, no momento da dinâmica, as crianças transformaram o cenário político em uma comédia brincando com o nome dos políticos, Luiz pepino referindo-se a Luiz Henrique e Jean Spulmann referindo-se ao Jean Kulmann. O texto jornalístico não é lúdico, mas a criança, ao brincar com as palavras "nome dos políticos", transforma-o, brinca com a sonoridade. Conforme (Santa Catarina, 1998):

A criança tem a possibilidade de trabalhar com a imaginação: a realidade se constrói pela fantasia e a fantasia constrói a realidade. A criança organiza o seu pensamento através de vivências simbólicas, elaborando o seu real. [...] Se compreendermos que a brincadeira está pautada no real, isto pressupõe contextos sociais, onde adultos e crianças estabelecem interações. [...] ou seja, interações que possibilitem trocas, qualificando-as enquanto interações de aprendizagem. (p. 30).

No segundo módulo foi destacado que nem sempre a manchete principal está vinculada às imagens e que havia outras manchetes menores com e sem imagens. Elas foram lidas para as crianças que interagiram, trazendo seus comentários, por meio dos gêneros primários que, "são o nível real com o qual a criança é confrontada nas múltiplas práticas de linguagem", conforme (Schneuwly; Dolz 2004:30). Estes comentários incluíam acidentes relatados em família, comentários sobre corrida de Fórmula1, política e cinema.

No terceiro módulo foi proposto brincar de repórter, nesse processo as crianças demonstraram certa insegurança ao mencionarem, conforme fizeram outras vezes dizendo: "O Cleiton sabe ler". Esta afirmação evidencia a importância da aquisição do código escrito que estão vivenciando nesta etapa da infância. Talvez, em decorrência das interações numa sociedade que valoriza a cultura escrita, e quem detém o código escrito, inibindo aqueles que não se apropriaram e conseqüentemente, não fazem uso deste. Por trás desta afirmação, observa-se, também, a concepção de leitura que estas crianças possuem, uma vez que valorizam mais o domínio do sistema alfabético.

Entretanto, elas sabem ler. A leitura está presente o tempo todo e quando as crianças relacionam a manchete do jornal com suas vivências, evidenciam características do letramento. As crianças ainda não dominam o código alfabético, entretanto conforme menciona Brtito (2005), elas lêem com a voz do educador e

pela interação com o texto escrito e com suas vivências, elas demonstram que compreenderam o que foi lido e ressignificaram. Segundo (Britto, 2005):

[...] o conhecimento da escrita não se faz pela codificação e decodificação de mensagens (mesmo quando estas são processadas e compreendidas mentalmente). O princípio que orienta a ação educativa, nesta perspectiva, é o da vivência no universo cultural, incluindo a oralidade espontânea e as expressões características dos discursos de escrita. (p. 19).

A partir das vivências culturais das crianças, foi necessário trazer subsídios concretos para a construção das manchetes. As crianças foram desafiadas a buscar uma notícia pela observação e entrevista com algumas pessoas do CEI e em seguida poderiam construir uma manchete.

Embora já conheçam o ambiente, observar e conversar com as pessoas em uma outra situação, que não era do dia-a-dia e resgatar os fatos, refletindo a cerca deste para criar a manchete, era realmente um desafio. Foi necessária uma nova experiência com novos subsídios, para que as crianças construíssem a manchete, e o caminho encontrado foi a mediação por meio de fotografias.

A produção final consistia na produção da capa do jornal. Um dos primeiros passos, na elaboração da capa do jornal, foi dar um nome para o jornal. As crianças trouxeram algumas sugestões e a escolhida foi Jornal Meninos e Meninas. As crianças buscaram referência ao ambiente letrado em que vivem. Foram mencionando suas hipóteses, relacionando com as letras que conheciam.

Elegeram as fotografias dos brinquedos e brincadeiras vivenciadas durante o ano e criaram as seguintes manchetes: Andando de pé de lata; Fazendo o bambolê; Na ponte do rio que cai e O pai da Gabriele tava andando de pé de lata.

Ao construírem as manchetes de jornal, as crianças operaram com novos signos e significados decorrentes de todo o processo, oportunizado pela seqüência didática. Percebeu-se que, embora as crianças não mencionassem a palavra manchete, conheciam seu significado, pois conseguiram estruturá-la mediante a leitura das fotografias e das vivências no decorrer do ano. Neste sentido (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004):

O procedimento visa transformar o modo de falar e de escrever dos alunos, no sentido de uma consciência mais ampla de seu comportamento de linguagem em todos os níveis (por exemplo: escolha de palavras, adaptação ao público, colocação da voz, organização do conteúdo etc). (p. 109).

A pesquisa "Jornal: uma possibilidade de letramento na educação infantil" veio confirmar que um planejamento com seqüência didática, por ser sistemático e flexível, respeita a criança e sua infância e é uma possibilidade de ampliar o conhecimento do universo letrado.

#### REFERÊNCIAS:

BRITTO, Luiz Percival Leme. Educação infantil e cultura escrita. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO Sueli Amaral. **Linguagens infantis: outras forma de leitura**. Campinas: Autores e Associados, 2005a.

\_\_\_\_\_. Letramento e alfabetização: implicações para a educação infantil In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO Sueli Amaral. **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. Campinas: Autores e Associados, 2005b.

LEAL, Telam Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; MORAIS, Artur Gomes de. Letramento e alfabetização: pensando a prática pedagógica. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Departamento de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA Ana Beatriz et al. **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto - Portugal: edições Asa, 2004.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (col.) **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

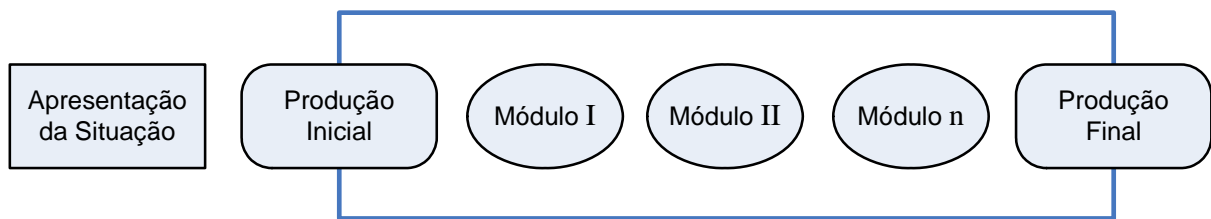
SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: educação infantil, ensino fundamental e médio: disciplinas curriculares**. Florianópolis: COGEM, 1998.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

\_\_\_\_\_. Letrar é mais que alfabetizar. **Jornal do Brasil**, 26 nov. 2000. Disponível em: . Acesso em: 3 ago. 2006.

---

[1] De acordo com Brito (2005) as crianças lêem com os ouvidos e escrevem com a boca.



Esquema da seqüência didática

Fonte: adaptado de Dolz; Noverraz e Schneuwly (2004, p. 98).